

# Apontamentos sobre a Importância da Construção da Autonomia no Programa de Educação Tutorial



Rodolfo Dias da Silva<sup>1\*</sup>, Rodolfo Bassani<sup>2</sup>, Wilson Casemiro dos Santos<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Faculdade de Engenharia de Bauru da Universidade Estadual Paulista

<sup>2</sup>Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista

\* Autor para correspondência: rodspmel@gmail.com

## RESUMO

O presente relato versa sobre o Programa de Educação Tutorial (PET) e desenvolve esta temática por meio da discussão de experiências verificadas de fortalecimento da identidade, coesão do grupo e valorização do interesse pelo referido programa por meio da flexibilização das normas de entrada e de permanência nele, deixando-se para trás resquícios do anterior Programa Especial de Treinamento e implantando, de modo ampliado, a forma de pensamento renovada pelo conceito de educação tutorial como ferramenta de formação da autonomia dos estudantes de graduação nas instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras.

**Palavras-chave:** Flexibilização; Autonomia; Programa de Educação Tutorial (PET).

## ABSTRACT

This report approaches the Tutorial Education Program (PET) and develops this thematic by discussing verified experiences on identity strengthening, group cohesion and valorization of interest through the flexibilization of entrance and permanence rules, leaving remnants of the former Special Training Program behind and establishing widely the renewed thoughts from the tutorial education concept as a tool for the development of autonomy in undergraduate students in Brazilian Higher Education Institutions.

**Keywords:** Flexibilization; Autonomy; Tutorial Education Program (PET).

A proposta de discussão que apresentamos parte da ideia da educação tutorial como uma importante ferramenta para a formação do conhecimento e da autonomia pessoal e profissional dos estudantes de graduação das IES brasileiras. Buscamos analisar o caráter formativo do Programa de Educação Tutorial (PET), fomentado pelo Ministério da Educação, o qual objetiva a execução de projetos integrando os três pilares da educação superior no Brasil: o ensino, a pesquisa e a extensão. Não será tratada aqui da história da educação tutorial no Brasil ou do PET, mas se pretende, neste trabalho, discutir como o processo de construção de uma relação de autonomia entre aluno e professor pode enriquecer o processo formativo do estudante e valorizar o trabalho do professor, elencando formas de intensificar e fortalecer essa relação.

Partindo da concepção de educação tutorial como uma prática pedagógica relevante, a Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (SESu/MEC) reformulou o Programa Especial de Treinamento, criado pela Capes em 1979, transformando-o, em 2004, no atual PET, Programa de Educação Tutorial. Como destacado por Corrêa (2006), o programa tem como objetivo trabalhar com base nas três frentes universitárias (ensino, pesquisa e extensão), buscando melhorar a qualidade do ensino na graduação tanto para os membros quanto para os demais alunos do curso, assim como estimular a extensão universitária e formar pesquisadores com consciência social e participação ativa nas comunidades (HOFFMANN, 2006).

A tutoria justifica-se e se consolida, fundamentalmente, pela possibilidade de elaborar coletiva

e criticamente as experiências de aprendizagem, como oportunidade ímpar para que professores e alunos se articulem para produzir conhecimento (MARTINS, 2008).

A educação tutorial atua como ferramenta de formação ampla dos estudantes, no que concerne tanto à área do conhecimento explorada no curso de graduação, quanto aos valores sociais de organização e coletividade, conforme aponta Martin (2005). É nesse sentido que o Programa de Educação Tutorial busca impactar a comunidade acadêmica. Porém, o número de cursos que possuem um grupo PET ainda é reduzido; desse modo, aumentar o número de grupos PET ainda é um desafio. Segundo Breglia (2013), grupos de estudo e pesquisa são compostos por docentes e discentes; entretanto, a funcionalidade e a organização divergem das verificadas no PET (construção coletiva, não hierarquizada, com flutuação de temáticas de trabalho que extrapolam o domínio do tutor). Em vias de aprimorarem o PET, alguns grupos, partindo do princípio da autonomia e do conhecimento das especificidades que existem no meio em que estão inseridos, realizam ações para democratizar a participação dos estudantes, buscando extinguir barreiras para o acesso e a manutenção dos estudantes no programa.

A atuação do programa nas instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras proporciona maior qualidade na formação dos estudantes, promovendo uma formação em chave mais ampla do que a estritamente acadêmica e profissional. Busca desenvolver princípios de responsabilidade social e éticos concomitantemente a uma formação técnica e científica de qualidade. Dessa forma, os projetos realizados juntamente ao professor tutor vêm a gerar resultados que podem ser sentidos, em diferentes momentos, tanto para a comunidade quanto para o meio acadêmico.

Nesse sentido, a discussão sobre democratização do acesso é fundamental para desenvolver sistemas que fomentem a autonomia do grupo. Essas ações baseiam-se em uma construção teórica acerca da flexibilização do sistema de ingresso. O sistema de entrada no programa di-

vide opiniões, pois em muitos grupos PET ainda perdura uma visão tradicional associada ao Programa Especial de Treinamento, o qual privilegia o potencial acadêmico do aluno. Além disso, cada grupo deve ter a sensibilidade de compreender as necessidades do(s) curso(s) em que atua para, a partir daí, modificar suas práticas. O avanço é paulatino e ocorre de acordo com os interesses e o ritmo de cada grupo.

Em geral, este é formado por, no máximo, doze alunos de graduação bolsistas, e seis alunos de graduação não bolsistas (voluntários). A forma de ingresso desses alunos varia de grupo para grupo, mas existem certos critérios que prevalecem pautados na indicação “apresentar excelente rendimento acadêmico avaliado pelo tutor” (MEC, 2006, p. 15), do *Manual de Orientações Básicas*, que, na prática, traduz-se na supervalorização do coeficiente de rendimento do aluno no curso, currículo e potencial acadêmico; é comum também a adoção de etapas como avaliações escritas e dinâmicas de grupo ao longo do processo seletivo.

Esse procedimento condiz com um sistema de processo seletivo que em muito se assemelha com o precedente Programa Especial de Treinamento, em que o mérito acadêmico era preponderante. No atual formato do PET, o que se espera é um desenvolvimento conjunto de atividades frutos da relação aluno-professor que beneficiem toda a comunidade acadêmica ou não. Assim, mais valem os aspectos de identidade e motivação para com o objetivo do programa do que notas e/ou méritos adquiridos ao longo dos anos, mas que não se traduzem necessariamente em interesse pelas propostas do PET.

Essas preocupações surgiram a partir da observação dos grupos PET da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), *campus* Rio Claro/SP, mais tarde expandidas através do contato com outros grupos PET da região Sudeste e suas experiências de trabalho. Verificou-se que, nos grupos em que o ingresso dos alunos era flexibilizado, havia maior coesão e interesse pelos projetos, em relação aos grupos que privilegiavam o mérito acadêmico como ponto de partida para a seleção de seus membros.

Considerando a importância dessas preocupações, iniciou-se no grupo PET da Geografia de Rio Claro uma transformação na composição de seus membros, desencadeada pela mudança nos princípios que regem a entrada de novos membros, privilegiando a flexibilização e o interesse pelas atividades desenvolvidas pelo PET. Desse modo, observamos uma geração de membros mais autônomos e identificados com a proposta do PET. Entre as mudanças no processo de admissão de novos membros estão:

- a aceitação de um número ilimitado de voluntários por grupo;
- o ingresso contínuo de membros voluntários (sem prazo determinado por processo seletivo);
- a seleção de novos bolsistas apenas entre os membros voluntários, caso existam;
- os critérios preponderantes para a seleção dos bolsistas são sua dedicação e interesse pelo Programa, verificados durante seu tempo como voluntário.

Dessa forma, cremos:

- evitar o interesse dos alunos de graduação pelo ingresso no PET apenas em determinados períodos do ano (processo seletivo);
- evitar a distribuição da bolsa a estudantes que não se interessam de fato pela proposta do Programa;
- contribuir para o desenvolvimento ao longo do tempo de um grupo coeso, motivado e que aspire aos objetivos de trabalho do Programa (ensino, pesquisa e extensão).

Os aspectos listados promovem maior coerência ao grupo, pois se verifica maior valorização do interesse dos alunos pelo PET, o que fortalece a motivação e a coesão nos grupos do Programa.

Hoje, o PET constitui uma das principais ações da Capes no estreitamento das relações entre a pós-graduação e a graduação. Para Dantas (1995, p. 20), “a proposta do PET, se cumprida adequadamente, complementa a perspectiva convencional de educação e ajuda os estudantes

a se tornarem cada vez mais independentes em relação à administração de suas necessidades de aprendizagem”. Vários exemplos podem ser verificados de ex-bolsistas do PET que se encontram fortemente engajados nos cursos de pós-graduação ou atuando como docentes em IES, e se diferenciam como lideranças positivas nos diferentes espaços acadêmicos, de modo a evidenciar a importância do caráter formativo e dos princípios desenvolvidos no PET. Verifica-se, assim, que há um impacto direto do PET sobre as futuras gerações de acadêmicos, e conseqüentemente sobre a ciência que produziremos no futuro.

Os projetos desenvolvidos pelo PET nascem do seio dos próprios grupos, resultado da discussão ética, acadêmica e social dos temas em debate, estabelecendo-se uma relação dialética entre teoria e prática. Assim, é necessária uma participação, a qual é alcançada através da identificação dos membros com as propostas e objetivos do PET. A democratização do acesso aos diversos programas de formação dentro das IES brasileiras corresponde a uma maior apreciação dos talentos individuais e coletivos, devendo ser desenvolvidos para a construção de uma sociedade mais justa e coesa.

## Bibliografia

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). *Manual de Orientações Básicas: Programa de Educação Tutorial*. Brasília: MEC, 2006.

BREGLIA, Vera Lucia Alves. “Graduação, Formação e Pesquisa: Entre o Discurso e as Práticas”. *Trivium-Estudos Interdisciplinares*, vol. 5, n. 1, 2013, pp. 1-4.

CORRÊA, Alline Fernandes. *PET UFGM 1985, 2005: Seu Legado e sua História*. Monografia. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFGM, 2006.

DANTAS, Flávio. “O PET e a Formação de Lideranças Acadêmicas e Profissionais”. *Infocapes*, Brasília, DF, vol. 3, n. 1-2, 1995, pp. 18-21.

HOFFMANN, Jussara. *Avaliação Mediadora: Uma Prática em Construção da Pré-Escola à Universidade*. Porto Alegre: Mediação, 2006.

MARTIN, Maria da Graça Moraes Braga. *O Programa de Educação Tutorial – PET: Formação Ampla na Graduação*. 108 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

MARTINS, Iguatemy Maria de Lucena. “Educação Tutorial no Ensino Presencial: Uma Análise sobre o PET”. In: MARTINS, Iguatemy M. de L. & KETZER, Solange Medina. (orgs.). *Programa de Educação Tutorial: Uma Estratégia para o Desenvolvimento da Graduação*.

Brasília: Brasil Tropical, 2008, vol. 1, pp. 15-21.

SANTO, Esmeralda Maria. “Os Manuais Escolares, a Construção de Saberes e a Autonomia do Aluno: Auscultação a Alunos e Professores”. *Revista Lusófona de Educação*, vol. 8, n. 8, jul. 2009.

*Publicado em 31/03/2017.*